

Gabriel Savit

Anna  
e o  
Homem das Andorinhas



Tradução de Elisa Nazarian

**FÁBRICA231**



O que você diz ?

Quando Anna Lania acordou na manhã de seis de novembro de 1939, o seu sétimo ano de vida, havia várias coisas que ela não sabia.

Anna não sabia que o chefe da Gestapo na Polônia Ocupada havia, por decreto, obrigado o reitor da Universidade Jagiellonian a convocar a presença de todos os professores (dentre eles, seu pai) para uma exposição e discussão sobre a direção da Academia Polonesa sob o regime alemão, a ocorrer ao meio-dia daquele mesmo dia.

Não sabia que, juntamente com seus colegas, seu pai seria levado do saguão de conferências número 56, primeiro para uma prisão na Cracóvia, onde eles moravam, e depois para vários outros centros de detenção espalhados pela Polônia, até ser finalmente transferido para o campo de concentração Sachsenhausen, na Alemanha.

Ela também não sabia que, vários meses depois, um grupo de sobreviventes, colegas do seu pai, seria levado para

o muito mais abominável campo de Dachau, na Alta Baviera, mas que, na época dessa transferência, seu pai já não existiria num estado em que fosse possível ser transportado.

O que Anna sabia naquela manhã era que o pai tinha que se ausentar por algumas horas.

As meninas de sete anos são um grupo muito diversificado. Algumas lhe dirão que há muito são crescidas, e você teria dificuldade em não concordar com elas; outras parecem se interessar muito mais pelos misteriosos segredos da infância, inscritos em suas mentes, do que em contar o que quer que seja a um adulto. Há também aquelas (este, de longe, o grupo mais numeroso) que ainda não decidiram completamente a que lado pertencem, e, dependendo do dia, da hora, até mesmo do momento, podem lhe mostrar rostos completamente diferentes daqueles que você pensou que poderia encontrar.

Anna era uma dessas últimas meninas aos sete anos, e seu pai ajudou-a a acalantar a condição ambivalente. Tratava-a como adulta – com respeito, deferência e consideração – mas, ao mesmo tempo, conseguia, de certo modo, protegê-la e preservar em seu íntimo a sensação de que tudo que ela encontrava no mundo era uma descoberta totalmente nova, especial para sua própria mente.

O pai de Anna era professor de linguística na Universidade Jagiellonian, na Cracóvia, e viver com ele significava que todos os dias da semana eram em uma língua diferente. Quando Anna completou sete anos, seu alemão, russo, francês e inglês eram todos bons, e ela sabia um bocado de

ídiche e ucraniano, além de um pouco de armênio e romani dos Cárpatos.

Seu pai nunca lhe falava em polonês. Dizia que o polonês saberia se cuidar.

Ninguém aprende tantas línguas como o pai de Anna sem um razoável prazer em conversar. A maioria das lembranças que ela guardava do pai era dele falando, rindo, brincando, argumentando e suspirando, com um dos muitos amigos e companheiros de conversa que cultivava pela cidade. Na verdade, em grande parte de sua vida com ele, Anna pensava que cada uma das línguas que o pai falava havia sido feita sob medida, como um terno, para a pessoa com a qual ele conversava. Francês não era francês, era monsieur Bouchard. Iídiche não era ídiche, era *reb* Shmulik. Cada palavra e frase em armênio que Anna já ouvira lembravam-lhe o rosto do velhinho *tatik*, que sempre a recebia e a seu pai com xicrinhas de café forte e amargo.

Todas as palavras armênias cheiravam a café.

Se a jovem vida de Anna tivesse sido uma casa, os homens e mulheres com quem seu pai passava o tempo livre conversando teriam sido seus pilares. Eles mantinham o céu no alto e a terra embaixo; sorriam e falavam com ela como se fosse um dos seus próprios filhos. Nunca era apenas o professor Lania quem ia visitá-los; era o professor Lania e Anna. Ou, como eles poderiam dizer, professor Lania e Anja, ou Khannaleh, ou Anke, ou Anushka, ou Anouk. Seus nomes eram tantos quantas eram as línguas, quantas eram as pessoas no mundo.

É claro, se cada língua for apenas para uma pessoa, então uma menina acaba pensando: qual é a língua do meu pai? Qual é a minha?

Mas a resposta era bem simples: eles falavam as línguas de outras pessoas. Todos os outros pareciam limitados apenas a uma, no máximo duas ou três, mas o pai de Anna parecia totalmente livre dos limites que confinavam todos os outros na vasta e variada paisagem da Cracóvia. Ele não estava restrito a nenhuma maneira de falar. Podia ser o que quisesse. Exceto, talvez, ele mesmo.

E se isso era verdade para o pai de Anna, então deveria também ser verdade para Anna. Em vez de passar para a filha uma língua em particular que a definiria, o pai de Anna lhe deu o amplo espectro de línguas que ele conhecia, e disse: – Escolha entre elas. Faça algo de novo para você mesma.

Em nenhuma das lembranças que tinha dele, o pai de Anna aparecia sem dizer nada. Em sua memória, ele vivia como uma estátua vibrante, moldada na forma de sua postura de ouvir costumeira: o joelho direito dobrado sobre o esquerdo, o cotovelo apoiado no joelho, o queixo na palma da mão. Adotava essa atitude com frequência, mas, mesmo quando estava silenciosamente prestando atenção, o pai de Anna não conseguia deixar de se comunicar; seus lábios e sobrancelhas se contorciam e se retorciam em reação às coisas que as pessoas lhe diziam. Outras pessoas precisariam perguntar-lhe o que esses tiques e repuxões idiossincráticos significavam, mas Anna também era fluente nessa linguagem, e nunca precisou perguntar.

Ela e o pai passavam muito tempo conversando um com o outro. Falavam em todas as línguas, em todos os cantos do apartamento, e por todas as ruas da cidade. De todas as pessoas, Anna tinha certeza de que era com ela que ele mais gostava de falar.

A primeira vez que Anna percebeu que uma língua era um compromisso compartilhado entre pessoas – que duas pessoas que falavam a mesma língua não eram necessariamente idênticas – foi a única vez que conseguiu se lembrar de ter feito ao pai uma pergunta que ele não soube responder.

Eles voltavam para casa depois de um passeio, e já escurecia. Anna não reconheceu a parte da cidade em que estavam andando. O pai segurava sua mão com muita força, e seus passos largos de pernas compridas obrigavam-na a trotar para acompanhá-lo. O passo dele se acelerou, ficando cada vez mais rápido, enquanto o sol mergulhava debaixo dos telhados, e depois das colinas que ficavam além. Quando aconteceu, os dois estavam praticamente correndo.

Ela os ouviu antes de ver qualquer coisa. Havia a voz de um homem rindo, alto e alegre, tão genuinamente bem-humorado que Anna também começou a sorrir, excitada para ver o que estava provocando a risada. Mas quando eles chegaram à rua de onde vinha o som, seu sorriso parou.

Havia três soldados. O que ria era o menor deles. Ela não se lembrava dos outros dois com muita clareza, exceto que lhe pareceram absurdamente grandes.

– Pule! – dizia o soldado mais baixo. – Pule! Pule!

O velho grisalho, à frente deles, fez o possível para cumprir o que lhe era ordenado, saltitando impulsivamente no mesmo lugar, mas era evidente que havia algo de errado com a sua perna, talvez uma fratura mal consolidada. Estava bem visível que sentia um desconforto terrível. Com enorme esforço, mantinha-se em silêncio cada vez que seus sapatos batiam no calçamento de pedras, apesar da dor que distorcia sua expressão.

Isso parecia animar ainda mais o soldadinho.

Talvez a parte mais difícil dessa lembrança fosse o prazer puro e explícito daquela risada. Na mente de Anna, o soldado falava e, conseqüentemente, ria, na língua de herr doktor Fuchsmann.

Herr doktor Fuchsmann era um homem gordo, quase careca, que sempre usava colete. Usava óculos e uma bengala para ajudá-lo a se arrastar por sua pequena farmácia o dia todo. Herr doktor Fuchsmann era um homem de risada espasmódica, e cujo rosto estava quase sempre ficando afogeuado. No curto tempo em que Anna o conhecera, ele havia lhe passado furtivamente mais biscoitos do que ela jamais vira em qualquer outro lugar.

E o soldadinho falava herr doktor Fuchsmann.

Anna ficou confusa. Não conseguia entender o soldado no contexto do doutor, nem o doutor no contexto do soldado. Então, fez o que qualquer criança faria em tal situação. Perguntou ao pai.

Se o pai de Anna não fosse o homem que era, e se Anna não tivesse ouvido, falado e pensado, em parte, em alemão

pelo tempo que seus sete curtos anos continham neles o potencial da fala; resumindo: se seu sotaque não fosse tão convincentemente nativo, esta história poderia ter terminado antes de começar.

– Papa – disse Anna –, por que eles estão rindo daquele homem?

O pai de Anna não respondeu. O soldado virou a cabeça.

– Porque, *lieblich* – ele disse –, isso não é um homem. É um *jude*.

Anna lembrava-se exatamente desta frase, porque foi a que mudou tudo para ela. Pensava que soubesse o que era uma língua, como funcionava, como as pessoas incorporavam diferentes palavras do ar, no qual haviam falado, a fim de formatar seus esboços à sua volta.

Mas isto era muito mais complicado.

Reb Shmulik não dizia *jude*. Reb Shmulik dizia *yid*.

E este soldado, não importa a língua que estivesse falando, era tão diferente de herr doktor Fuchsmann como queria que todos soubessem que era diferente de reb Shmulik, o Judeu.

Em 1939, um grupo de pessoas chamadas alemães entrou em um país chamado Polônia e assumiu o controle da cidade de Cracóvia, onde Anna vivia. Pouco depois disso, esses alemães instituíram uma operação chamada Sonderaktion Krakau, visando intelectuais e acadêmicos da cidade, entre os quais se achava o pai de Anna.



O dia determinado para a execução da Sonderaktion Krakau foi seis de novembro de 1939, o sétimo ano de Anna, e tudo o que ela soube naquela manhã foi que seu pai tinha que se ausentar por algumas horas.

Ele a deixou aos cuidados de herr doktor Fuchsmann pouco depois das onze, e não voltou mais.

Não era raro o pai de Anna deixá-la com seus amigos, quando tinha algum negócio urgente para resolver. Confiava nela o bastante para deixá-la sozinha no apartamento por breves períodos, mas ocasionalmente, é claro, precisava se ausentar por mais tempo. Ela ainda era muito pequena, e de tempos em tempos alguém precisava tomar conta dela.

O pai de Anna havia feito o possível para poupá-la do que estava acontecendo na cidade, mas uma guerra é uma guerra, e é impossível proteger para sempre uma criança do mundo. Havia uniformes na rua, pessoas gritando, cães, medo, e às vezes havia tiros, e se um homem ama falar, sua filha vai acabar ouvindo a palavra “guerra”, falada, furtivamente, em voz alta. “Guerra” é uma palavra pesada em qualquer língua.

Anna lembrava-se vagamente de que houvera uma época antes que esta palavra pesada baixara sobre ela de todos os lados, como as beiradas reforçadas de uma rede, porém, mais do que a figura ou o rosto de qualquer pessoa em particular – mais ainda do que a breve impressão que conseguira formar de sua mãe –, o que caracterizava fun-

damentalmente a sua lembrança daquele tempo era a vida vibrante ao ar livre de uma cidade exuberante: conversas casuais em passeios nos parques públicos e jardins; copos de cerveja ou xícaras de café ou chá em mesas na calçada; mães, namorados e amigos gritando nomes por ruas de pedras reverberantes, esperando alcançar e fazer virar uma cabeça querida, antes que desaparecesse dobrando a esquina. Aqueles tinham parecido a Anna dias de calor e sol perpétuos, mas a guerra, ela aprendeu, era muito parecida com o mau tempo – se estivesse a caminho, era melhor não ser pega do lado de fora.

Em seus últimos meses, o pai de Anna passou um bom tempo dentro de casa com ela, conversando e, quando surgia a inevitável necessidade de silêncio, lendo. Sua intenção era boa, mas a maioria dos livros que tinha em casa estava muito além do nível de Anna. Então, ela passava grande parte do tempo com um livro em particular, um volume grosso de histórias infantis, recolhidas de diversas fontes. Fossem de Esopo, da Bíblia, mito norueguês ou egípcio, todas eram ilustradas pela mesma mão confortadora do século XIX, a bico de pena, reproduzidas ali em papel encorpado.

Anna sentiu falta desse livro, assim que se viu separada dele. Antes mesmo de sentir falta do pai.

Nas duas ou três primeiras horas após o meio-dia de seis de novembro, herr doktor Fuchsmann comportou-se como sempre fazia em relação a Anna, provocando-a e rindo por cima dos óculos enquanto a farmácia estava vazia, e imediatamente ignorando-a assim que o sino da porta tocava,

assinalando a entrada de novo cliente. Havia muito menos cookies agora do que houvera tempos atrás, mas Anna entendia; herr doktor Fuchsmann tinha explicado a escassez, atribuindo-a à guerra. Esta era uma prática comum, com a qual Anna já estava bem familiarizada: ultimamente, sempre que alguém observava algo fora do normal, parecia que a explicação passava pela guerra.

Anna ainda não tinha certeza do que significava, precisamente, a palavra “guerra”, mas parecia, pelo menos em parte, ser um ataque a seu suprimento de cookies, e ela simplesmente não podia aprovar tal fato.

A farmácia estava muito mais agitada nesse dia do que Anna jamais a vira, e as pessoas que vinham procurar ajuda com herr doktor Fuchsmann pareciam, em sua maioria, jovens alemães em uniformes com diferenças sutis. Mesmo alguns dos homens mais velhos, de terno, entravam falando um alemão claro e de som entrecortado que, embora fosse nitidamente a mesma língua de herr doktor, parecia a Anna inclinar-se para frente com músculos retesados, enquanto a dele recostava-se para trás, relaxada. Tudo era terrivelmente interessante, mas herr doktor Fuchsmann ficava nervoso quando ela prestava uma atenção exagerada a qualquer coisa que seus clientes tinham a dizer, e então ela fazia o possível para parecer que não estava ouvindo.

Ele tentou disfarçar sua crescente ansiedade conforme o dia foi avançando, mas quando chegou a hora de fechar a loja, e o pai de Anna ainda não tinha voltado para buscá-la, herr doktor Fuchsmann começou a se preocupar muito abertamente.

No entanto, Anna ainda não estava terrivelmente preocupada. Seu pai já tinha ficado fora por mais tempo, e sempre voltava.

Mas agora, de tempos em tempos havia tiros nas ruas, e cachorros latindo a distância. Herr doktor Fuchsmann recusou-se peremptoriamente a levar Anna para casa com ele, e esta foi a primeira semente de preocupação dentro dela. Ele sempre tinha sido muito meigo com ela, e era estranho que, repentinamente, se tornasse indelicado.

Naquela noite, Anna dormiu debaixo do balcão da farmácia de herr doktor Fuchsman, sentindo frio pela falta de cobertor, temerosa de ser vista ou de fazer barulho demais enquanto as ruas se enchiam de alemães com o avançar da noite.

Teve problemas para adormecer. A preocupação manteve sua mente ativa apenas o suficiente para impedir que cochilasse, mas não ativa o bastante para impedi-la de se entediar. Foi neste limiar sem fim de um momento que ela sentiu falta do seu livro de contos.

Uma de suas últimas histórias, na qual a encadernação desgastada se acostumara a se abrir, era sobre um fantasma longilíneo chamado o rei Amieiro. Anna amava olhar seu retrato até seu pavor atingir uma dimensão quase incontrolável, quando, então, fechava o livro. O medo desaparecia invariavelmente com o rei Amieiro preso entre suas páginas, e ela agora sonhava trancar com ele sua persistente preocupação.

Pela manhã, herr doktor Fuchsmann trouxe um pouco de comida para Anna. Isso a confortou, mas à hora do al-

moço ficou claro que ele não pretendia mantê-la por perto. Desculpou-se muito, disse a Anna que mandaria seu pai na mesma hora, caso ele voltasse à loja para buscá-la, mas que simplesmente não poderia mais tê-la na farmácia.

Tudo o que ele dizia fazia sentido. Quem era ela para discutir?

Ao sair para levar Anna de volta a seu apartamento, herr doktor Fuchsmann trancou a porta da farmácia. Ao chegarem, logo ficou claro para ela que o pai havia trancado sua própria porta ao irem ao encontro de herr doktor Fuchsmann no dia anterior. Mas herr doktor Fuchsmann nunca soube disso; assim que os dois avistaram o prédio de apartamentos, ele se desculpou e correu de volta à farmácia.

Anna sentou-se em frente à porta do seu apartamento por muito tempo. Ainda havia uma parte dela que tinha certeza de que o pai estava voltando, e ela tentou, o melhor que pôde, reduzir sua preocupação, e, em seu lugar, encorajar o crescimento dessa certeza. Sem dúvida, ele logo estaria de volta.

Mas ele não veio.

Sempre que sentia sua certeza fraquejando, Anna experimentava a maçaneta do apartamento. Tentou vezes seguidas, a cada vez ficando lenta e plenamente convencida de que, na verdade, seu pai não a trancara do lado de fora, e sim que ela, simplesmente, não tinha virado a maçaneta com força suficiente.

Por mais que quisesse que isso fosse verdade, no entanto, a porta nunca se mexeu. Em dias de paz, às vezes essas

fantasias podem se revelar verdadeiras. Nunca, porém, em tempos de guerra.

Para Anna, ficar sentada ali pareceu uma eternidade, e em certo sentido era. Para uma criança, uma hora à toa é uma vida. Anna ficou ali sentada por pelo menos duas ou três horas, e, se não fosse pela velha sra. Niemczyk do outro lado do corredor, poderia ter ficado ali à espera do pai até que a guerra a impedisse.

A sra. Niemczyk frequentemente reclamava com o professor Lania (e com outros) que ele e sua menina falavam alto demais tarde da noite, mas o pai de Anna se convencerá de que ela simplesmente não gostava que trouxessem ciganos, armênios e judeus para o prédio. A sra. Niemczyk só falava polonês, e só um pouquinho de cada vez. Durante toda a sua vida, nunca dissera uma única palavra diretamente para Anna, embora com frequência a velha falasse sobre ela com seu pai, em sua presença, normalmente para lhe dizer como ele não estava conseguindo criar a filha de maneira adequada. Desnecessário dizer que ela nunca foi uma visão particularmente feliz para Anna, e Anna era uma menina razoavelmente disposta a conhecer pessoas.

Pouco depois de Anna começar sua espera em frente à porta do apartamento, a sra. Niemczyk saiu de casa para uma rápida incumbência. Seus olhos pousaram em Anna ao seguir pelo corredor, e, ao voltar, não se desgrudaram de lá um segundo, até fechar a porta atrás de si.

Anna não sabia ao certo o que a sra. Niemczyk faria, mas a velha começou a abrir uma fresta de sua porta a todo mo-

mento, para verificar se a menina ainda estava sentada no corredor, e toda vez que Anna a via, o pouco que podia entrever do rosto da sra. Niemczyk por trás da porta parecia cada vez mais satisfeito.

Se não fosse pela velha sra. Niemczyk, Anna poderia muito bem ter ficado esperando pelo pai.

Se não fosse pela velha sra. Niemczyk, Anna poderia muito bem nunca ter conhecido o Homem das Andorinhas.